



A EDUCAÇÃO DAS MULHERES DE ARROIO GRANDE NO ÂMBITO DE UMA ESCOLA RELIGIOSA ENTRE 1934 A 1971¹

Elis Giovana Teles das Neves²
Juliana Brandão Machado³

RESUMO

Analisando a história da educação feminina em Arroio Grande constatei que houve uma escola religiosa na cidade de Arroio grande, a qual fui incentivada aprofundar-me em sua história. Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo investigar a educação das mulheres Arroio-grandenses no âmbito de uma escola religiosa entre 1934 e 1971. Elaborei a pesquisa usando a metodologia de análise documental através dos documentos fornecidos pela congregação Imaculado Coração de Maria e entrevista semiestruturada realizada com três ex-alunas da escola “Nossa Senhora da Graça”, em uma abordagem qualitativa. A partir destes dados foram abordados o motivo da instalação desta instituição no município e qual foi motivo que levou o cancelamento de suas atividades. Concluo que muitos eram os preconceitos contra as mulheres, mas muitas também foram as conquistas e que até os dias atuais o sexo feminino precisa manter-se firme para conquistar seus direitos na sociedade.

PALAVRAS –CHAVES: Educação; Mulheres; Escola Religiosa.

RESUMEN

¹ Artigo produzido como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão.

² Acadêmica do 8º (oitavo) semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão.

³ Professora Adjunta do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão, orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso

Analizando la historia de la educación femenina en Arroio Grande constaté que hubo una escuela religiosa en la ciudad de Arroio Grande, la cual he tenido un incentivo en profundizar mis estudios sobre su historia. Este trabajo de conclusión de curso tiene como objetivo investigar la educación de las mujeres de Arroio Grande en el ámbito de una escuela religiosa entre 1934 y 1971. Elaboré la investigación utilizando la metodología de análisis documental, por medio de documentos aportados por la Congregación Inmaculado Corazón de María y entrevistas semiestructuradas realizadas con tres ex alumnas de la escuela “Nuestra Señora de las Gracias”, en un planteamiento cualitativo. A partir de estos datos fueron tratados: el motivo de la instalación de esta institución en la ciudad y qué motivó la cancelación de sus actividades. Llegué a la conclusión de que había muchos prejuicios contra las mujeres, pero también hubo muchos logros, y hasta hoy las mujeres necesitan permanecer firmes para lograr sus derechos en la sociedad.

Palabras clave: Educación;Mujeres;Escuela Religiosa

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação parte da curiosidade que surgiu no 2º semestre do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, na disciplina História da Educação no Brasil, ministrada pela professora Regina Célia do Couto. Foram trabalhados, textos os quais abordavam a discriminação, o sofrimento enfrentado pelas mulheres até mesmo para frequentar os bancos escolares. Este assunto abordado despertou-me um questionamento sobre os primórdios da educação feminina em Arroio Grande.

Com base nesta pesquisa analisei que na cidade de Arroio Grande havia um colégio de freiras e então fui incentivada a procurar a história de sua fundação, questionando qual o objetivo de uma escola religiosa instalar-se em um município onde a educação era posta em segundo plano pelos pais das crianças? Cresci ouvindo de minha mãe, quando era questionada pelo seu pouco grau de instrução, que em primeiro lugar era colocado o trabalho, aquele que vinha ajudar a família, sendo as meninas nas tarefas domésticas, cuidar dos irmãos menores e os meninos ajudarem o pai no preparo do solo para o cultivo das plantações. Foi então que comecei esta pesquisa visando encontrar estudantes daquela escola para que me relatassem como era ministrada a educação no âmbito de uma escola religiosa e como as estudantes daquela época eram tratadas. Já que como nos mostra Louro

(1987, p. 17) “a dominação da mulher se dá de um modo específico, determinado, que é diferente de outras formações sociais”.

A mulher recebia uma educação sempre relacionada aos bons costumes perante a sociedade. Na época uma mulher deveria saber organizar impecavelmente um lar, educar seus filhos e ser uma boa esposa, obediente, submissa, estas exigências eram aliadas ao casamento religioso (Almeida, 1998) Foi assim que fui questionar se era este modelo de educação pregado pela escola religiosa instalada no município de Arroio grande no período de 1934 a 1971.

Para que possa relatar toda esta problemática da educação das mulheres no século XX, neste trabalho de conclusão de curso, após a introdução serão abordados os métodos utilizados para a realização desta pesquisa. Na sequência deste trabalho a fundamentação teórica apresenta como a mulher era vista na sociedade após, descrevo um pouco sobre a educação feminina no município de Arroio Grande. Na análise de dados apresento o conteúdo contido nos documentos disponibilizados pela Congregação das Irmãs e as entrevistas com ex-alunas, onde foi relatado como era ministrada a educação no âmbito de uma escola religiosa. Para encerrar o artigo trago as considerações finais e as contribuições que este trabalho trouxe para o meu entendimento da história da educação feminina do município.

2 METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo investigar a educação oferecida às meninas da instituição religiosa existente no município de Arroio Grande nos anos de 1934 a 1971. Para a realização deste trabalho encontrei muita dificuldade, já que no município não existe nenhum arquivo histórico que possa auxiliar nesta pesquisa. Foram muitos questionamentos com pessoas da comunidade: o Padre local, a direção da escola que atualmente funciona no prédio da antiga escola religiosa, muitos telefonemas a instituições religiosas de Pelotas, São Lourenço e Porto Alegre.

Mas foi na Universidade Federal do Pampa, Unipampa, em uma conversa com a professora Hilda Jaqueline Fraga que fui informada do arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Através de um e-mail para este local, recebi a resposta de que a “Congregação Imaculado Coração de Maria”, a qual pertenciam as Irmãs que lecionaram nesta instituição, ainda existia na capital do estado, assim, obtive o e-mail para contato.

Entrei em contato por e-mail solicitando se havia em seus arquivos algum documento que mencionasse a história desta instituição escolar em Arroio Grande. Imediatamente recebi o retorno, onde uma Irmã pertencente a Congregação mencionou que seria um grande prazer em me ajudar, enviando-me pelo correio cópia de documentos que lá constavam, mas para isso precisava de um tempo. Respondi agradecendo sua contribuição, passaram-se alguns dias e recebi em minha casa cópias dos documentos.

Através destes documentos históricos obtive acesso as datas corretas de fundação e cancelamento da instituição, os fatos que levaram a sua criação e por iniciativa de quem deu início a escola religiosa “Nossa Senhora da Graça” em Arroio Grande. Estes foram de suma importância nesta pesquisa, pois segundo Pádua (1997, p. 62) eles nos descrevem os fatos reais.

Pesquisa documental é aquela realizada a partir de documentos, contemporânea ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comprar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências (...)

Com estes documentos pude ir ao encontro do objetivo desta pesquisa, já que no município de Arroio Grande não consta um arquivo público que possibilite este resgate histórico. Foi então que comecei uma pesquisa qualitativa na comunidade com as senhoras que haviam estudado nesta instituição no período de 1934 a 1971 para que pudesse entrevistá-las a respeito de como era a educação nesta instituição religiosa. Destaco aqui a pesquisa qualitativa, pois segundo Bogdan e Biklen (1994, p.48) “(...) os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não em números.” Procurei saber com as ex-alunas como era o ensino no âmbito de uma escola religiosa e não que elas especificassem uma nota em números para este ensino.

A seguir as perguntas realizadas na entrevista com as ex-alunas da escola religiosa nossa Senhora da Graça:

QUADRO 1 – Perguntas realizadas às ex-alunas da escola “Nossa Senhora da Graça”

<p>Quando e porque ingressou na escola religiosa?</p> <p>Sua sala era composta somente por meninas ou era mista?</p> <p>Seus professores eram somente as irmãs?</p> <p>Que conteúdos eram ministrados na escola religiosa?</p>
--

Qual atividade mais gostava? Pôr quê?

Qual a comparação que faz da educação daquela época com a de agora?

Fonte: elaboração da autora

Ao comentar com colegas do próprio transporte para a Unipampa sobre o tema do meu trabalho de conclusão de curso e que precisava entrevistar ex-alunas da “escola das Irmãs”, como era denominada no município, foram surgindo comentários de parentes ou conhecidos que haviam frequentado esta instituição. No momento surgiram seis pessoas, mas ao realizar contato telefônico duas não atenderam e a terceira pessoa me pediu desculpas no momento da entrevista, pois estava com visitas, e então não me disponibilizou outro horário. Com as outras três obtive êxito, sendo que por se tratar de pessoas não acostumadas com a tecnologia quando percebiam que iria gravar perguntavam se era necessário gravar, se eu não gravava “na cabeça”. Uma destas três entrevistadas destacou-se contando os detalhes dos acontecimentos dentro da instituição.

A seguir, será abordado referencial teórico estudado para compreender a educação das mulheres no século XIX e começo do século XX, onde o sexo feminino deveria ser mantido longe das escolas como nos relata ALMEIDA (1998, p.31): “Manter o dominado longe do saber (...)”. Esta era a mentalidade que a sociedade preservava no que se trava da educação para as mulheres.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica nos traz conceitos embasados em textos e livros disponíveis na Universidade e com auxílio da orientadora deste trabalho para que possa relatar um pouco dos estudos historiográficos da educação feminina nos séculos XIX e começo do XX. Esta abordagem está dividida em: Educação das mulheres, uma abordagem geral sobre a vida das mulheres perante a sociedade nos séculos citados segundo teóricos utilizados para elaboração deste trabalho. A história das mulheres no Brasil e no Rio Grande do Sul, abordando os preconceitos enfrentados pelo sexo feminino em todo o país e estado. O próximo subcapítulo nos relata passagens da história de Arroio Grande abordando sua colonização e a implantação da instrução pública no município.

3.1 EDUCAÇÃO DAS MULHERES

Durante minha trajetória no curso de Licenciatura em Pedagogia foram solicitados alguns artigos e sempre que o tema era livre eu optava por escrever sobre a educação das mulheres por tratar-se de um assunto de meu interesse. E para elaboração destes trabalhos precisei ler muitos textos e livros sobre este assunto e assim obtive conhecimentos sobre a história do sexo “frágil”, o que contribuiu para despertar-me a vontade de aprofundar ainda mais no que diz respeito à educação feminina.

Com estes aprendizados adquiridos no decorrer da graduação é que realizo este trabalho de conclusão de curso relacionado com este tema e pesquisando a educação feminina no começo do século XX na minha cidade natal, já que até então desconhecia como era uma educação no âmbito de uma escola religiosa. Vejamos um pouco sobre esta história.

A mulher do século XIX e início do XX de acordo com estudos historiográficos não era considerada uma cidadã política, nem ao menos tinham o direito de frequentar certos ambientes, até mesmo como fins educacionais. As meninas desta época só teriam acesso à instrução, à alfabetização quando seus pais possuíam certo poder aquisitivo para contratar professoras que fossem em suas fazendas ministrar aulas. E mesmo assim caberia educar mais do que instruí-las, já que os ensinamentos se baseavam nas tarefas domésticas e boas maneiras, para que pudessem ser pedidas em casamento essa era sua suprema aspiração (ALMEIDA,1998).

Nestas aulas ministradas em seus lares aprendiam somente a ler e escrever e poucas noções das quatro operações, ficando com maior aprendizado sobre bordar, costurar, tocar piano e habilidades artísticas como pintar. Louro (1987, p. 12) nos mostra como era vista uma moça pela sociedade da época:

Sabemos que há uma ideologia que prega um perfil feminino dócil, submisso e obediente, uma mulher dedicada apenas às funções de mãe ou à participação profissional condizente com essas funções, e que esta ideologia foi sendo construída ao longo dos tempos.

A mulher submetia-se à vontade masculina em fazer o correto aos olhos da sociedade, mas ocorreram fatos os quais disponibilizaram uma educação para que fossem beneficiadas. Pois no que se referem às classes menos favorecidas as mulheres ficavam analfabetas até que segundo Louro (1997, p. 444) “Os legisladores haviam determinado,

nos idos de 1827, que se estabelecessem “escolas de primeiras letras”, as chamadas pedagogias, em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos do Império.”

Mas não era de interesse dos coronéis proprietários de terras que este aprendizado tornasse seus futuros prestadores de serviços em pessoas esclarecidas ao ponto de abandonar o meio rural em busca de melhores condições de vida. Segundo TARDIF (2002, p. 17) “A docência e seus agentes ficam subordinados à esfera da produção, porque sua missão primeira é preparar os filhos dos trabalhadores para o mercado de trabalho.”

E, assim, as instituições nas áreas rurais eram poucas até mesmo porque em épocas de chuvas fortes ficava difícil o acesso e no período de cultura da terra os alunos evadiam para que pudessem ajudar a família no sustento do lar, ficando poucos ou nenhum dos alunos e isso fazia com que muitas viessem a cancelar suas atividades.

Com o passar do tempo surgiram algumas instituições de ordem religiosa feminina na província com a preocupação fundamental de formação moral das moças (LOURO,1987), onde meninas e meninos eram ensinados separadamente:

Aqui e ali, no entanto, havia escola-certamente em maior número para meninos, mas também para meninas; escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas ou masculinas; escolas mantidas por leigos-professores para as classes de meninos e professoras para as de meninas. (LOURO,1997, p.444)

Além de frequentarem salas separadas na escola neste período era imposto as mulheres a submissão aos homens, ato este que a sociedade impunha, pois quando solteiras acatavam as ordens do pai e quando casadas as do marido. Elas haviam sido preparadas para organizar seu lar, cuidar da família enquanto que a educação era colocada em segundo plano para não vir afetar a vida familiar. Segundo ALMEIDA (1998, p.33):

Mantidas dentro de certos limites, a instrução feminina não ameaçaria os lares, a família e o homem. Essa educação, que a princípio e de acordo com a tradição portuguesa, fora negada sob o pretexto que conhecimento e sabedoria eram desnecessários e prejudiciais à sua frágil constituição física e intelectual, (...)

Após submeter-se aos comandos masculinos, chegam ao Brasil as instalações industriais, trazendo o desenvolvimento comercial e com estes a modernização e as transformações sociais. As indústrias precisavam de mão de obra, foi então que as mulheres mais prejudicadas economicamente aceitaram a luta, muitos foram os

preconceitos e dificuldades enfrentadas, sendo chamadas de “pecadoras”, pois deixar o lar e os filhos era uma enorme falta de respeito com a família. As mulheres que enfrentaram maior dificuldade foram as com menos ou sem total escolarização sendo assim constatada a necessidade de escolas para formação de futuras trabalhadoras.

As indústrias instaladas no Brasil encontravam dificuldade na mão de obra que pudesse atender as suas necessidades, surgem as escolas normais, leigos e religiosos é que ensinava a iniciação às letras e aos números, obedecendo às regras de que moças e rapazes deveriam estudar em salas separadas, foi aberta oportunidade para ambos os sexos, uma das diferenças no currículo era quanto à geometria, considerada desnecessária para as meninas, bastava que soubessem as quatro operações (LOURO,1987).

Depois de muita exclusão por parte da sociedade para com as mulheres trabalhadoras uma profissão que foi vista com “bons olhos” foi a de professora, pois para a comunidade a escola passava a visão de uma extensão do lar. As mulheres sabiam cuidar dos filhos com amor e dedicação também sabiam atuar em sala de aula, sendo que aulas como profissional só poderiam ser um único turno, já que no turno inverso a mesma deveria tratar das tarefas domésticas. Os homens começaram a abandonar o magistério devido às oportunidades surgidas com a industrialização (LOURO, 1997) e com isso proporcionou a causa maior que levou a aceitação das mulheres no âmbito das instituições. Para comprovar que este tratamento destinado as mulheres não pertencia somente a uma região do país, a seguir apresento um breve histórico geral do Brasil e do estado do Rio Grande do Sul acerca da história das mulheres.

3.2 UM POUCO DA HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

Segundo a Constituição Brasileira no artigo 113, inciso I consta que todos são iguais perante a lei. Mas sabemos a realidade não é esta, pois nos deparamos no dia a dia com muitas discriminações diante da sociedade. Desde o tempo das guerras, os homens saíam de suas moradias para as lutas e quem ficava no comando da família eram as mulheres como nos relata Flores (2013, p. 33):

A mulher coordenava os escravos (fatores da riqueza dos latifúndios), zelava pelos filhos e pela guarda e defesa do lar, providenciava sustento, executava mudanças da família quando as circunstâncias de guerra exigiam retirada estratégica, rezava pelos vivos e enterrava os mortos.

Quando estes homens voltavam sem poder trabalhar em suas atividades cotidianas por consequência da guerra, eram as mulheres que sentiam-se obrigadas a fazer algo para o sustento da família, como por exemplo doces por encomendas, bordados e costuras e outras atividades relacionadas ao lar, já que eram só desses saberes que lhes eram ensinados. E por falar em guerra cabe lembrar que as mulheres do Rio Grande do Sul em tempos passados participaram ativamente das revoluções, como nos relata FLORES (2013, p.29): “O arsenal de guerra, encarregado de prover os uniformes, apelou para o elemento feminino, espalhado pela Província (...)”.

O trabalho árduo de confeccionar os uniformes para doze mil combatentes era destinado às mulheres, atingiu a todas, desde as traquejadas no manejo da agulha até as escravas e jovens que não possuíam tanto conhecimento da costura. Mas em tempos bichudos de guerra embora ínfima remuneração para gigantesca tarefa, assumiram para reforçar orçamento, confeccionar uniformes como nos relata FLORES (2013, p.30) “(...) as roupas eram costuradas à mão ponto por ponto, o que demandava tempo para o apronte dos uniformes (...)”.

Muitas eram as costureiras espalhadas em seus lares, já que elas não deveriam ausentar-se de seu domicílio e por ser tarefa bastante trabalhosa nos ressalta FLORES (2013, p.32) “Ganhando pouco, costuravam madrugada a dentro, a ponto de amanhecer cochilando sobre o trabalho” (...). Mesmo com toda esta contribuição nas revoluções as mulheres são discriminadas e enfrentam muitos preconceitos até os dias atuais.

Uma das mulheres lutadoras do Brasil e que por algum tempo residiu no estado do Rio Grande do Sul, cuja vida foi abordada pela professora Juliana Machado na disciplina História da Educação no Brasil, foi Nísia Floresta a qual fiquei encantada com sua bravura de enfrentar a sociedade na primeira metade do século XX e tornar-se a primeira feminista, republicana, escritora e educadora que causou críticas e polêmicas com seus escritos. Chegou até criar uma escola com a proposta de ampliar o ensino feminino, mas apesar de tanto esforço foi fechada. Outro destaque feminino do Rio Grande do Sul foi Delfina Benigna da Cunha, que escreveu em 1934 poesias dedicadas às mulheres rio-grandenses e teve o seu primeiro livro de ficção editado na capital gaúcha (FLORES, 2013).

Todas estas abordagens em relação à vida feminina no percurso acadêmico me fizeram pensar e pesquisar sobre como as mulheres da cidade de Arroio Grande teriam

enfrentado sua época de escolaridade no começo do século XX. A seguir apresentarei um breve histórico desta cidade trazendo maiores elementos para compor este artigo.

3.3 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE ARROIO GRANDE

O Município de Arroio Grande, situado na metade sul do Estado do ⁴Rio Grande do Sul, na microrregião da Lagoa Mirim, destaca-se por sua privilegiada posição geográfica, estando próximo à fronteira uruguaia, às margens da BR-116. É um município de médio-pequeno porte, com 2.513,597 Km², e uma população estimada, segundo censo do IBGE (2010), em 18.470 habitantes. Os principais produtos que compõem sua economia são o arroz e a soja.

Seu núcleo formador foi a família açoriana de Manuel Jerônimo de Souza, no ano de 1803. O processo de povoação do território do atual Município de Arroio Grande está ligado ao próprio processo de povoação da parte ‘Sul’ do rio Piratini, iniciado a partir de 1789 com a concessão de sesmarias a militares portugueses e famílias açorianas. Em torno de suas terras, com o passar do tempo, formou-se um pequeno povoado indo em direção às margens do Arroio Grande. Povoação que foi composta por membros da própria família, agregados e outras pessoas que passaram a viver no lugar. Sua emancipação política em relação a Jaguarão foi em 24 de março de 1873.

Depois de abordar um breve histórico da colonização do município de Arroio Grande voltamos ao principal tema, “a educação” no município. Nesta localidade não era diferente os acontecimentos em relação às mulheres. No fim do século XIX a instrução, assim chamada, era um privilégio do sexo masculino. Às mulheres cabia o papel de servir os homens e administrar o lar e a educação informal em casa onde se aprendia as primeiras letras, costurar, bordar, música, francês e noções de aritmética, isto para aquelas que os pais possuíam condições de contratar professoras que fossem nas suas residências, enquanto que a classe menos favorecida continuava analfabeta.

⁴ CANHADA, Sergio A. Silveira. Sesmarias do Arroio Grande – PARTE I. Blog do Canhada. Disponível em <<http://blogdocanhada.blogspot.com.br/>>, acesso em 11/12/2016.

CARVALHO, Lizandro Araújo de. Cronologia Histórica de Arroio Grande: Datas e fatos que marcaram nossa história. 2015. “Aguardando Publicação”.

Através de uma legislação em 1827 foi determinado que nos lugares mais populosos do Império houvesse uma escola chamada de “Escolas das primeiras letras”. A partir de 1879 são criadas na cidade de Arroio Grande duas aulas públicas, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino. Na época um próspero povoado, situado no município, denominado Santa Izabel, foi contemplado com a criação de salas de aulas separadas por sexo, mas por falta de interesse dos pais e devido às atividades rurais exercidas pelos alunos, dos 34 alunos que foram matriculados nas duas aulas aos poucos foram deixando de frequentá-las. Por este motivo foi fechada temporariamente até que os pais se comprometessem com seus deveres e encaminhassem seus filhos para a escola em busca da necessidade essencial que era a instrução.

Até a Proclamação da República este quadro foi o mesmo, com esta preocupação por parte das autoridades que em 1883 foi ordenado que a Câmara proporcionasse melhoria nas acomodações para os estudantes. Foi então concedido o prédio da Câmara de Vereadores (gravura 1) situado na Praça da Matriz para que fossem ministradas as aulas de Instrução Pública, já que a cidade não dispunha de nenhum outro local próprio para estas aulas.

Figura 1- Prédio da Primeira Câmara de vereadores



Fonte: Defensores do Patrimônio Público de Arroio Grande

Neste mesmo ano (1883) a Câmara delibera a obrigatoriedade da instrução primária que seria restrito ao perímetro urbano. Em 1893, o estado do Rio Grande do Sul passou por um período revolucionário, desorganizado no que se tratasse de instrução. Só em 1896 houve a preocupação por parte dos governantes que o município tivesse um intendente (prefeito), o Sr. Manoel Aníbal Ribeiro, este prefeito então se preocupou com o interior, onde não havia nenhum tipo de ensino.

4 ANÁLISE DE DADOS

Após um breve histórico sobre a cidade de Arroio Grande este capítulo apresenta a análise de dados iniciando pela pesquisa documental, em que mostra a instalação da instituição no município, num segundo momento, analiso a entrevista das ex-alunas, relatando os acontecimentos no âmbito da escola religiosa Nossa senhora da Graça.

4.1 O COLÉGIO DAS IRMÃS DA CONGREGAÇÃO CORAÇÃO DE MARIA

A pesquisa documental deste artigo, a partir dos documentos disponibilizados pela Congregação Imaculado Coração de Maria em Porto Alegre, possibilitou desenvolver a análise que segue, recuperando a história desta escola.

Até o ano de 1934 a escola “20 de setembro” foi a única escola de ⁵instrução primária no município, neste ano surge o “Colégio das Irmãs do Sagrado Coração de Maria”. Por uma grande preocupação do Padre da cidade de Arroio Grande, Sr. Thoné Lunelli, um sacerdote zeloso pela classe pobre e oprimida, era de sua vontade a implantação de uma escola religiosa no município, já que havia muitas pessoas analfabetas, principalmente mulheres que não haviam sido enviadas a escola por falta de interesse das famílias. Foi então por muita insistência do Padre junto a Superiora Geral da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria a fim de que fossem enviadas Irmãs para assumirem a escola em sua Paróquia. Foi aceito o pedido, duas Irmãs foram conduzidas à comunidade para que lá ministrassem as aulas.

⁵ O texto deste subcapítulo foi construído a partir de documentos disponibilizados pela Congregação Imaculado Coração de Maria em Porto Alegre.

Figura 2: Irmãs da Congregação Imaculado Coração de Maria



Fonte: Defensores do Patrimônio Público de Arroio Grande

Senhoras da sociedade arroio-grandense juntamente com o Pároco e crianças receberam as Irmãs no dia 23 dias do mês de fevereiro de 1934 com “muita alegria na porta da igreja”, onde Lunelli subiu ao altar e em seu nome e da comunidade saudou as Irmãs. As Irmãs foram conduzidas as dependências, em anexo a escola, com acomodações “relativamente boas”, sendo estas montadas com o trabalho do Padre e de seus paroquianos.

Em 1º de março de 1934 as aulas tiveram início com um número pequeno de alunos matriculados. Nos próximos anos não passavam de 40 alunos matriculados na escola o que demonstrava a falta de interesse da comunidade no que se referia a cultura e educação dos filhos

Em 1951 um novo curso implantado na escola começou a atrair um maior número de alunos. Em 1952 começou a funcionar o curso de corte costura, trabalhos manuais destinados ao sexo feminino e jardim de infância abrangendo uma sala mista.

No ano de 1953 o número de matriculados continuava aumentando chegando a ter 143 alunos. Foi então doado pela prefeitura um terreno de 2.592 m², situado na rua Dom Pedro II e um outro dando continuidade ao mesmo, medindo 4.811m² doado pelo Sr. Alfeu

Silveira D'avila. Os terrenos destinavam-se à construção de uma nova escola para acomodar os jovens arroio-grandenses.

Ocorreu o lançamento da pedra fundamental para o novo prédio que foi batizado com o nome de Instituto Coronel Antônio Batista Maciel aos 21 dias do mês de agosto de 1955, o qual funcionaria desde o jardim de infância até a quinta série e continuando com a denominação de Colégio Nossa Senhora da Graça o ensino ginásial⁶. Estiveram presentes ao ato o prefeito municipal Sr. Aimone Soares Carricone, o Padre local Thomé Lunelli, o Revmo. Frei Afonso de Caxias e um grande número de pessoas amigas. Em 22 de abril de 1963 foi realizada a abertura do Curso Ginásial começando com 33 alunos matriculados na 1ª série.

Começou um decréscimo nas matrículas apesar da abertura do Curso Ginásial, em 1970. Por tratar-se de um município pequeno e que já contava com outras escolas distribuídas na sede, ficando assim difícil manter a escola com número baixo de alunos matriculados na instituição, ocasionando o cancelamento das atividades desta instituição.

A madre vice superiora geral encarregada pela Congregação para acompanhar o andamento da escola, realizou várias reuniões com o povo para explanar sobre o cancelamento de suas atividades. Em 25 de fevereiro de 1971 o arquivo do ginásio, completo e em perfeita ordem foi entregue à Inspeção Seccional do Ensino Secundário, de Pelotas por orientações da Inspeção de Porto Alegre.

Foram mencionadas três causas que levaram ao cancelamento das atividades nesta instituição e comunidade religiosa: Poucos alunos no Ginásio e as mensalidades não cobriam as despesas; A Congregação precisava das Irmãs para outras obras; A criação de outros cursos na cidade dividia a população que não era muito numerosa. O prédio foi cedido ao estado que posteriormente o adquiriu, dando continuidade aos cursos existentes com professores mantidos pelo Estado do Rio Grande do Sul.

4.2 AS ENTREVISTAS COM AS EX-ALUNAS DA ESCOLA

Para realização desta pesquisa, como já mencionei, utilizei documentos disponibilizados pela Congregação Imaculado Coração de Maria e de entrevistas com três ex-alunas da escola religiosa Nossa Senhora da Graça. Optei pelo método qualitativo, pois segundo Bogdan & Biklen (1994, p.48), “Os resultados escritos da investigação contêm

⁶ Ensino ginásial na época referia-se ao ensino ministrado de quinto ao oitavo ano do ensino fundamental dos dias atuais.

citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação”. Exatamente o que foi realizado nas entrevistas com três ex-alunas da escola religiosa Nossa Senhora da Graça que estudaram em diferentes períodos, a ex-aluna A ingressou em 1950 com oito anos de idade, a ex-aluna B ficou interna desde 1960 a 1977, já a ex-aluna C ingressou com nove anos em 1964 permanecendo até 1965, estas entrevistas proporcionaram um melhor entendimento do ensino ministrado no âmbito da escola religiosa “Nossa Senhora da Graça”.

A ex-aluna A relata que ingressou na escola por vontade de sua mãe que ajudava as irmãs na paróquia e então foi matriculada na escola, mas não era de sua vontade estudar lá, ela era semi-interna, nos finais de semana poderia ir para casa onde sua família residia, na sede do município. Já a ex-aluna B relata que foi estudar nesta escola por ser bem-conceituada e sua família morar na zona rural do município e não haver escola por perto e como seu grande desejo era estudar foi matriculada na escola por oferecer moradia as meninas.

Eu amava estudar, éramos só meninas internas, os meninos iam ao final do dia para casa, como não podia pagar meus estudos trabalhava na limpeza das salas de aula e ajudava na cozinha, mas meu desejo era tanto de estudar que pra mim estava tudo bom.
(Ex-aluna B)

Este relato nos mostra que esta escola não era composta somente por meninas., as aulas eram mistas, mas os meninos não eram internos depois do término das atividades as meninas recolhiam-se aos seus dormitórios e os meninos seguiam para suas moradias, sendo que observei através dos relatos o quanto era cobrado o respeito e a disciplina entre meninos e meninas, mas segundo Louro (1997, p.33) “Embora severas, provavelmente essas normas não eram no entanto incomuns para a época (...)” se tratando de uma escola de freiras e com nome a zelar toda a imposição de respeito era vista com tranquilidade pelos pais que depositavam sua confiança em matricular suas filhas e deixá-las aos cuidados da Irmãs.

A escola era bem conceituada e para uma menina que tinha em seus sonhos uma escolarização, esta era sua realização estudar no “Colégio das Irmãs” sem que seus pais pudessem custear seus estudos ela submetia-se prestar serviços para este pagamento, ela tinha consciência de que estudar era preciso.

Quando eu retornava da casa de meus pais das férias ou de datas comemorativas como dia das mães ou dos pais, eu chorava muito, porque eu não queria ficar longe de minha mãe, mas ao mesmo tempo eu sabia que para alcançar meu objetivo eu tinha que ficar. (Ex-aluna B)

Quando questionadas sobre como as Irmãs eram em relação a disciplina, já que crescemos ouvindo relatos de castigos todas elas me responderam que eram bem rígidas, a ex-aluna C relatou quanto a pontualidade.

O horário era rígido, se chegasse depois das oito na fila não entrava mais para a sala de aula, realizávamos a fila e entrávamos cantando o hino nacional, até te confesso decorei naquela época, agora não sei mais. (Ex-aluna C)

Durante as entrevistas analise que nenhuma das ex-alunas demonstrou descontentamento em ter estudados em uma escola religiosa, todas elogiaram muito a educação que obtiveram com as Irmãs e até informalmente agradeceram por ter vivenciado a tendência de exigências, pois assim tornaram-se pessoas “capazes”, como relatou uma das entrevistadas. Uma das ex-alunas formou-se professora e hoje encontra-se aposentada, após lecionar trinta anos, e a outra hoje é uma costureira renomada no município, não aprendeu esta profissão na escola, mas menciona a responsabilidade que lá adquiriu em fazer as tarefas com prazer.

A ex-aluna B nos relata situações em relação aos uniformes, vestiário este que deveria ser mantido em perfeito estado, desde a limpeza como os botões bem presos nos seus devidos lugares.

Esta era a parte mais triste para mim, usar aquelas saias compridas tapando os joelhos. Eu enroscava na cintura para ficar mais curta, mas quando as Irmãs viam me davam um puxão para que a saia voltasse ao comprimento devido. Usávamos saia marinho, meia branca, blusa branca, blusão ou casaco marinho, sem falar naquelas congas que tínhamos que usar. (Ex-aluna B)

Segundo relatos de pessoas da comunidade as quais conversei no decorrer da pesquisa foi relatado o ensino de boa qualidade, chegando a vir alunos de outros municípios para estudarem na escola religiosa, eram ministrados todos os conteúdos como:

português, matemática, estudos sociais, moral e cívica, e para as meninas que podiam pagar eram ministradas aulas de piano e bordados.

Quando questionadas quais as atividades mais gostavam de realizar na escola, a ex-aluna A relata:

Eu gostava muito de ensaiar na igreja coma as irmãs para cantar nas missas de casamento, foi com elas que eu eduquei minha voz. (Ex-aluna A)

Assistir as missas na capela todos os dias era outra exigência da escola religiosa, segundo LOURO (1997, p.447) “(...) a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã (...)”, pois se tratando de uma instituição administrada por freiras não é de se espantar com esta tarefa diária.

Já ex-aluna B me relata do seu gosto pela educação física, onde era realizada com as meninas de saia e uma bermudinha por baixo com elástico nas pernas e quem ministrava esta aula eram as próprias freiras.

Eu adorava educação física, por que eu podia correr, brincar bastante pelo pátio, porque fora desta aula só me restava trabalhar para custear meus estudos. (Ex-aluna B)

Se alguém obtinha em seus pensamentos que na escola religiosa as atividades eram totalmente diferente das outras instituições, obtive informações de que não era, com o relato a cima verifiquei que até mesmo os exercícios eram coordenados pela Irmãs da instituição.

A ex-aluna C nos relata que quando sua mãe permanecia no interior do município nos finais de semana ela permanecia na escola e era muito divertido:

Íamos para o Parque Guilhermino Dutra fazer piquenique, saíamos cantando, tínhamos uma tarde muito agradável, com brincadeiras diversas em companhia das irmãs e voltávamos para a escola cantando era muita alegria. (Ex-aluna C)

Ao encerrar as entrevistas pedi para as entrevistadas que fizesse uma comparação com a educação daqueles tempos com a educação dos dias atuais e as respostas praticamente todas foram as mesmas.

Relataram o respeito e o amor para com o próximo e os pontos negativos da tecnologia em sala de aula:

Naquele tempo não existia essa tal de internet, essa coisa que a gente sabe que os alunos levam celular para sala de aula e não tão nem aí para o que a professora está falando. (Ex-aluna B)

Uma das entrevistadas faz com que retornemos ao passado quando menciona como a professora era vista na sala de aula, uma segunda mãe, ALMEIDA (1998, p.28) “A possibilidade de aliar ao trabalho doméstico e à maternidade uma profissão revestida de dignidade (...)” considerando que a escola seria a extensão do lar.

Naquela época existia mais amor, compreensão e acima de tudo respeito, naquele tempo o professor era como nossos pais, o que fazia estava bem feito, agora se o professor faz qualquer coisa para um aluno mesmo que seja para corrigir, no outro dia as mães estão na porta da sala de aula com muitos desaforos, hoje em dia ninguém se respeita mais. (Ex-aluna C)

Como podemos observar muitas foram as batalhas enfrentadas pelas mulheres, sempre usando de respeito e dignidade para conquistarem seus direitos, até mesmo o de chegar aos bancos escolares, após sua escolarização conquistaram o mercado de trabalho e hoje ainda que sofram algumas discriminações e os cargos de maior poder ainda estejam na sua maioria com os homens, não deixam de lutar no dia a dia para obter direitos iguais aos masculinos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada sobre a educação das mulheres de Arroio Grande no âmbito da escola religiosa, Nossa Senhora da Graça, entre 1934 e 1971, verifiquei que existiam muitas dificuldades para o acesso à escola, principalmente para as moças do interior. O grande motivo da criação da escola religiosa no município foi a preocupação do padre para com as meninas, cujo número de analfabetas era grande. Após muita insistência por parte do pároco foi destinada a cidade Irmãs para dar início a instituição religiosa. Causa esta mencionada nos documentos disponibilizados pela Congregação do Imaculado Coração de Maria, mas podem haver outras causas desconhecidas. Poderá ocorrer o questionamento de que esta instituição foi criada com o objetivo de angariar fundos,

através das mensalidades, para a igreja católica não foi o que observei diante dos relatos das ex-alunas. Nos relatos foram mencionados ajuda com serviços e auxílio de bolsa de estudos, fato este que não pode ser analisado durante esta pesquisa.

Com a criação desta instituição foi proporcionado, principalmente às crianças oriundas do interior, que obtivesse uma educação de qualidade, o maior privilégio destacado por umas entrevistadas é a de ter um lugar para morar, já que não haviam escolas no meio rural e quando haviam era difícil acesso o que fazia com os pais não permitissem o ingresso de seus filhos a estas instituições.

Este trabalho foi muito válido, já que obtive estas informações que até então desconhecia, foram muitas conversas com pessoas da comunidade Arroio-grandense, onde cada um contribuía com uma parcela da história que conhecia. Podem haver outros dados historiográficos que viessem a contribuir na elaboração desta pesquisa, mas por motivo do município não preservar sua história, alguns acontecimentos ficam perdidos no tempo, contando apenas com a memória das pessoas que ainda podem conta-las. Com a contribuição de estudantes do curso história da Universidade Federal do Pampa está em processo de instalação um museu no município, mas contando ainda com pouco acervo, precisamos de uma grande parcela de contribuição da comunidade Arroio-grandense para não deixar perder esta conquista apenas por motivos políticos como é costumeiro acontecer.

Sendo assim concluo que este trabalho foi de grande valia para uma futura educadora, conhecer uma parcela da história da educação feminina desenvolvida na sua cidade natal. Pesquisa essa que mostra o quanto o sexo feminino evoluiu, quanto aos direitos diante de uma sociedade machista até os dias atuais, mas que ainda temos muito a conquistar.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulher e educação: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto editora, LDA, 1994

CANHADA, Sergio A. Silveira. Sesmarias DO Arroio Grande – PARTE I. Blog do Canhada. Disponível em <<http://blogdocanhada.blogspot.com.br/>>, acesso em 11/12/2016.

CARVALHO, Lizandro Araújo de. Cronologia Histórica de Arroio Grande: Datas e fatos que marcaram nossa história. 2015. “Aguardando Publicação”. Documento disponibilizado pela Congregação Imaculado Coração de Maria em Porto Alegre.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Mulheres na guerra dos Farrapos. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editora, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. IN: PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p.443-479.

LOURO, Guacira Lopes. Prendas e anti prendas: uma escola de mulheres. Editora da Universidade UFRGS, 1987.

PÁDUA, E.M.M. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. 2. Ed. São Paulo: Papyrus, 1997

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional, Rio de Janeiro: vozes 2002.